



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9628 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO E RECONHECIMENTO SOCIAL: PERCEPÇÕES SOBRE O DIREITO À EDUCAÇÃO

Jupter Martins de Abreu Júnior - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO E RECONHECIMENTO SOCIAL: PERCEPÇÕES SOBRE O DIREITO À EDUCAÇÃO

Resumo

O trabalho tem como objeto os processos de exclusão/inclusão narrados por estudantes de cursos PROEJA ofertados por instituições federais. Ao conhecer as biografias dos sujeitos e realizar a leitura das trajetórias por meio das categorias sofrimento ético-político, de Sawaia, e reconhecimento social, de Honneth, a pesquisa visa compreender as percepções e anseios relatados por esses indivíduos. A metodologia é baseada em Kaufmann, denominada entrevista compreensiva. Com estes direcionamentos, intentou-se situar de que forma os sujeitos vivenciaram/vivenciam as experiências de desigualdade. A proposta pretendeu tornar visíveis alguns elementos existentes nas subjetividades e potencialidades desses sujeitos interditados do direito à educação.

Palavras-chave: PROEJA, reconhecimento social, direito, sofrimento.

Introdução

O acesso ao que hoje denominamos modalidade educação de jovens e adultos (EJA) se estabeleceu de forma gradativa como um direito constitucionalmente garantido, sendo marcada por discontinuidades, instabilidades e negação de direitos.

Inserido nesse contexto, este trabalho visa compreender as percepções, anseios e

sentimentos relatados por estudantes de cursos PROEJA ofertados por instituições públicas federais. A metodologia baseou-se em Kaufmman (2013), denominada *entrevista compreensiva*. Foram realizadas 20 entrevistas com sujeitos de idades entre 23 e 60 anos.

Fundamentação Teórica

A obrigatoriedade da oferta de educação pública e gratuita não é suficiente para promover mudanças efetivas no acesso do público da EJA à educação de qualidade, colocando em dúvida as questões relacionadas ao *reconhecimento social* desses sujeitos.

Na formulação do filósofo alemão Axel Honneth (2003), é possível perceber a força moral existente nas variadas lutas que impulsionam o desenvolvimento social. O autor destaca o aprofundamento teórico baseado em compreensões e percepções diversas de desejo por reconhecimento, que têm por meta não somente bens materiais, mas também os bens imateriais.

De acordo com Carmo (2010), a negação da materialidade tem relação com o fato desses bens serem objetos de desejo de outros sujeitos. Assim, almejar o que outras pessoas também anseiam significa participar de um sistema de *reconhecimento social*, no qual as identidades estão relacionadas a valores identitários compartilhados. Essa concepção se opõe às propostas que enfatizam a economia e o poder como núcleos motivadores da ação humana, tendo por isso certa proximidade com a perspectiva do direito à educação.

Em Carmo (2010) observa-se a fala de que o ser humano persegue o reconhecimento de seu valor, movimento que só pode acontecer “pelo olhar dos outros”, destacando ainda que os sujeitos só podem “se construir” a partir de sua auto interpretação, condicionada à relação com “um outro” que se dá num contexto interpessoal, sendo também orientado por aspectos culturais.

Sob outras perspectivas, em Honneth (2003) vê-se que a luta por reconhecimento é início de um processo de socialização, verificado de acordo com a possibilidade de se promover relações no campo da afetividade, legalidade e solidariedade. E para esses três campos de reconhecimento haveria correspondência com o próprio sujeito no plano da autoconfiança, autorrespeito e autoestima.

O sentido das ações sociais emergiria dos confrontos dos sujeitos com situações práticas, levando-os a reelaborações, trazendo à consciência um significado para essas ações (HONNETH, 2003). Assim, é apresentada a possibilidade do sujeito alcançar a consciência do sentido social de suas interações, ratificando que o reconhecimento implica na experiência de visualizar a si nos outros.

Ao estudar a EJA, Carmo (2010) assinala que nos sujeitos dessa modalidade pode ser verificada a busca por reconhecimento, cuja origem tem vínculo com um passado no qual não lhes foi permitido existir, mas que agora atravessa o presente, vislumbrando a dignidade historicamente negada. O autor destaca que o acesso à educação por esse público conquistou importância gradativa após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) n. 9.394 (BRASIL, 1996), ressaltando também os conflitos sociais dos quais emergem o dever do Estado em garantir o direito à educação para os setores menos favorecidos da sociedade, que são cotidianamente discriminados.

Em Honneth (2003) percebe-se um suporte para compreender esta conjuntura, ao destacar que o *reconhecimento social* se apresenta latente quando não é dado ao sujeito o seu devido valor e, nesse caso, os danos causados à sua identidade podem dificultar a autorrealização, abalando de tal forma a personalidade que os “danos psicológicos” podem ser de difícil superação. O autor destaca que entre os sentimentos, a vergonha é a que tem maior abrangência, apresentando-se como uma espécie de rebaixamento do próprio valor, podendo também significar *dor* e *sofrimento*.

Essas formas de reação emocional têm possibilidade de tornar-se motivação para a luta por reconhecimento, pois a tensão emocional que o *sofrimento* provoca é dissolvida pelo indivíduo na medida em que o sujeito reencontra a possibilidade da ação ativa, em contraposição à ação passiva vivenciada na humilhação.

Em Sawaia (2009), o *sofrimento* não é um sentimento de ordem individual, proveniente de desajustamentos e desadaptações, mas um tipo de sentimento determinado pela situação social, que impede a luta contra possíveis cerceamentos, constituindo-se uma categoria de análise da inclusão/exclusão social denominada *sofrimento ético-político*. Nas reflexões da autora, os sentimentos e as emoções são formas dos corpos dos sujeitos absorverem as alterações que as trajetórias lhes impõem, se materializando na relação entre o poder das emoções e sentimentos de um corpo afetado e as suas condições de agir, pensar e desejar.

Nesta concepção existe a ideia de que o *sofrimento ético-político* é a dor oriunda das injustiças sociais, e todos que estão submetidos a injustiças se confrontam com esses sentimentos, sendo que a humilhação, a vergonha e a depreciação são vividas de forma mais intensa pelas classes subalternas. Assim, a categoria *sofrimento ético-político* pode ser utilizada para evidenciar uma dimensão subjetiva do sofrimento oriundo da pobreza e da exclusão.

Os sujeitos da pesquisa

Sobre o perfil dos 20 entrevistados, com idades entre 23 e 60 anos, a maioria se declarou negro, casado(a) ou com companheiro(a), 14 declararam ter filhos, 12 possuíam ensino médio e 15 sujeitos ficaram 10 ou mais anos sem estudar. Outro indicador relevante é a renda familiar, que chegou a ser de R\$ 189,00 enquanto o salário mínimo nacional era R\$ 998,00. Houve uma fala em que o participante declarou não possuir renda, alegando viver da “bondade das pessoas”, fato que remete aos casos de extrema pobreza da população brasileira.

Um dos aspectos mais presentes nos discursos dos sujeitos foi a participação da família, tanto no processo do retorno como no afastamento com relação à escola. A estudante Maria[i], 56 anos, ao relatar o período em que os filhos eram crianças, comentou:

O que eu sabia, ainda conseguia passar pros meus filhos, mas aí comecei a observar que o que eu aprendi, ficou faltando um pedaço! Foi quando meu filho falou..., [pausa no discurso] eu não gosto de falar não, porque eu acho chato! Ele falou que eu não tinha faculdade para estar ensinando a ele! Na época eu sentava para fazer os deveres com ele..., ele era pequeno, e eu cobrava dele! Aí ele falou: não sei por que você fica querendo me ensinar, você não tem faculdade! Você não pode estar me ensinando nada! [lágrimas] Aí eu falei: então tá bom, já que é assim, então vou voltar a estudar! Foi aí que eu voltei a estudar!

Apesar do retorno à escola, observa-se que a situação inicialmente gerou desmotivação à estudante, causando “danos psicológicos” que talvez fossem de difícil superação (HONNETH, 2003). Entretanto, houve o impacto positivo no processo ,e após o retorno, a estudante descreveu a reação da família:

Meus filhos ficaram encantados! Quando eu terminei ensino médio a primeira vez, para eles aquilo já foi uma vitória enorme! Depois quando eu entrei aqui no IF, eu tive essa avaliação escrita, aí eu falei: eu não vou conseguir! Aí minha filha disse: tudo ela diz que não vai conseguir! Eu hein, que mania! Aí quando eu consegui ela disse: poxa mãe, que legal! Eu reclamo, mas eu gosto, porque eles me cobram! Às vezes eu não estou querendo ir para a aula, eles falam: se fosse comigo..., pode tratar de ir agora tá mãe! Eu falo: pode deixar que eu vou! Então, eles gostam de ver que eu estou conseguindo!

O comentário faz alusão à importância do apoio da família para o *reconhecimento social*, ressaltando a efetividade dessas relações. Assim, o reconhecimento no retorno à escola implica na experiência de visualizar a si nos outros, causando, de certa forma, um "bem-estar" simultâneo em ambas as partes.

Já o comentário de Josefa, 60 anos, destacou a importância do retorno e o significado desse momento para a estudante:

Pra mim o hoje é marcante, porque eu estou vendo assim, pro futuro, a minha realização pessoal. Agora é a minha vez, sou eu! Nada nem ninguém vai me impedir de realizar! Está tarde? Pra mim não é tarde, porque o aprendizado, o saber, nunca é tarde! O marcante é hoje! Estou tendo a oportunidade de realizar meus sonhos, meus projetos!

A fala de Josefa ratificou a questão da busca por oportunidades que os sujeitos não tiveram ao longo de suas trajetórias, e como o fato de ingressar no IF representou um recomeço. A estudante expôs a postura de exercer o seu direito `a educação, e sendo uma pessoa que vem de trajetórias descontínuas, visualizou no PROEJA uma proposta diferenciada.

Outro indicador recorrente foi o orgulho de estudar em uma instituição federal, ressaltando a sensação de *reconhecimento social* e a busca por ambientes de convivência diferenciados, como na declaração de Carlos, 52 anos:

Ah..., sinto que, por ser uma instituição de renome, o diploma é bem aceito no mercado trabalho, eu tenho orgulho de estudar aqui!

As pessoas que estudam no IF, costumam dizer que são privilegiadas! É uma ótima escola, que te dá uma formação muito boa! Dá uma profissão também! É uma escola de referência no Rio de Janeiro!

O *reconhecimento social* por estudar em uma instituição considerada “de excelência” também pode significar um fator de motivação adicional para a procura dos cursos PROEJA, auxiliando no resgate da autoestima. Nesse sentido, Augusto, 39 anos, declarou que:

Eu perdi muita oportunidade boa..., eu não tinha o 2º grau, então eu perdi muita oportunidade! Se na época eu tivesse, hoje certamente estaria com uma condição financeira melhor! Mas agora vai ser diferente!

Na fala vê-se a importância de Augusto reconstruir sua trajetória de uma maneira distinta das experiências anteriores, já que dessa vez era possível ter acesso a outras possibilidades, o que contribuía para que o estudante construísse seu próprio conhecimento, transformando a possível dor ou sofrimento na sensação de autoestima proporcionada pelo retorno à escola (SAWAIA, 2009).

Considerações Finais

A partir das falas apresentadas, enfatizo que a postura dos sujeitos são relevantes na medida em que potencializam uma nova inserção com o *reconhecimento social* do retorno à escola e o pertencimento a outros grupos sociais, movimento estabelecido pela existência de elementos comuns na relação entre trajetória escolar e a vida dos sujeitos, confirmando os estudos de Honneth (2003) e as constatações empíricas de Carmo (2010).

Ainda sobre a teoria do *reconhecimento social*, percebi pela pesquisa que os motivos mais relevantes da ação humana estão postos no desejo de reconhecimento e de consideração, no “apelo ao olhar dos outros”, potencializados para “fugir da vergonha”, da culpa, do medo da ausência de estima dos pares. Conforme apresentado nos relatos de alguns sujeitos da pesquisa, houve casos narrados em que os estudantes foram preteridos, humilhados ou mesmo rechaçados, o que sempre foi descrito como aspecto de grande impacto em suas trajetórias e expectativas de vida.

Entretanto, também percebi que os estudantes não reagiram passivamente às ofensas representadas por maus-tratos, privação de direitos, degradação social, entre outros aspectos. Em alguns casos, essas situações se tornaram motivos para que eles resistissem ao desrespeito e à falta de reconhecimento, utilizando em contrapartida estratégias de cooperação e enfrentamento, na intenção de minimizar ou mesmo de suplantar o ocorrido.

Contudo, ressalto que as estratégias demandaram autoconfiança, potencializada pelo *reconhecimento social*, pois um ambiente escolar restritivo pode gerar um efeito inibidor nos estudantes, afetando principalmente aqueles com histórias pgressas de rejeição, de estranhamento e de preconceitos no convívio social.

Por perceber que tanto a recusa como a atração pela escola envolvem *reconhecimento social*, destaco que o foco na construção coletiva e na centralidade do diálogo pode ser um caminho para efetivar as transformações almejadas. Nesse sentido, a escola tem sido marcada como lugar de intransparência e de ofuscamento dos conflitos. Assim, democratizar as práticas e mostrar a desigualdade que ali se perpetua exige enfrentar o autoritarismo com novos estatutos que valorizem a experiência dos sujeitos com trajetórias escolares interrompidas.

Referências

BRASIL. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996a. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/setec>.> Acesso em: 10 mar. 2018.

CARMO, Gerson Tavares do. *O enigma da educação de jovens e adultos: um estudo das evasões e retornos à escola sob a perspectiva do reconhecimento social*. Tese (Doutorado em Sociologia Política). Universidade Estadual do Norte Fluminense: Campos dos Goytacases, 2010.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: uma guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

SAWAIA, Bader (org.). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. P. 97-118. *As artimanhas da exclusão*. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 9.^a ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

[1] Todos os nomes utilizados nesse texto são fictícios.